



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

PAULA CELESTE DA SILVA LINO

**A DESCOLONIZAÇÃO DOS SABERES NO SUL GLOBAL
A PARTIR DE UMA ABORDAGEM AFROCÊNTRICA:
IDENTIDADE CULTURAL E HISTÓRIA AFRICANA NA ACADEMIA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

PAULA CELESTE DA SILVA LINO

**A DESCOLONIZAÇÃO DOS SABERES NO SUL GLOBAL
A PARTIR DE UMA ABORDAGEM AFROCÊNTRICA:
IDENTIDADE CULTURAL E HISTÓRIA AFRICANA NA ACADEMIA**

Projeto apresentado como parte dos requisitos para obtenção de grau Bacharel em Humanidades, no Curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras - IHL, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab.

Orientador: Prof. Dr. Cleber Daniel Lambert da Silva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

PAULA CELESTE LINO DA SILVA

**A DESCOLONIZAÇÃO DOS SABERES NO SUL GLOBAL
A PARTIR DE UMA ABORDAGEM AFROCÊNTRICA:
IDENTIDADE CULTURAL E HISTÓRIA AFRICANA NA ACADEMIA**

Projeto apresentado como parte dos requisitos para obtenção de grau Bacharel em Humanidades, no Curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras-IHL, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab.

Aprovado em: 29/05/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr.º Cleber Daniel Lambert da Silva - Orientador

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Deolindo de Barros

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	HIPÓTESES	9
3	OBJETIVOS	9
3.1	OBJETIVO GERAL	9
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
4	JUSTIFICATIVA	10
5	REFERENCIAL TEÓRICO	12
6	PROPOSTA METODOLÓGICA	24
7	CRONOGRAMA	25
	REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

Como é sabido, os primeiros relatos que abordam sobre a história, cultura, filosofia, literatura e economia de África e dos africanos e indígenas foram elaborados a partir dos pensamentos do Ocidente. Partindo dessas perspectivas, muitas das vezes africanas, afrodescendentes e indígenas foram marginalizadas ou sumariamente excluídas da racionalidade filosófica e científica pelo Ocidente. Informações estas na qual foram excluídas como protagonismo histórico, transformadas e visibilizadas pela supremacia branca dominante seja dentro ou fora do continente. No entanto, essa análise tem levado muitos pesquisadores do sul global a questionar-se sobre os seus enquadramentos e representações nesses estudos, ao ponto de, permitir-se passar pelo processo de descolonização dos saberes e cada dia que vai sentindo-se representado, encontrando e vão assumindo ou reafirmando a sua identidade cultural que muito lhe foi negada, pois “é o colonizador quem tem feito e continua a fazer o colonizado. O colonizador tira sua verdade, isto é, seus bens, do sistema colonial” (FANON, 1965).

Perante as leituras dos pesquisadores desse segmento optamos por realizar a nossa investigação intitulada: “*A descolonização dos saberes no sul global a partir de uma abordagem afrocêntrica: identidade cultural e história africana na academia.*”

Na pesquisa a ser realizada abordaremos sobre conceito de afrocentricidade cunhado pelo Molefi Kete Asante (1980), professor titular do Departamento de Estudos Africano-Americanos na Universidade de Temple e fundador do primeiro programa de doutorado em Estudos Africano-Americanos dos Estados Unidos, como uma “proposta inovadora, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (ASANTE, 1980 apud NASCIMENTO, 2009, p. 3) e as demais referências que apontam ou apresentam um pensamento inovador e autêntico em resgate da história africana, dos africanos como descolonização epistemológica, em reafirmar a identidade cultural, da necessidade\importância de inclusão dos estudos da civilização africana nos currículos escolares, políticas educacionais e as instâncias internacional que rompem com o universalismo europeu, isto é, em resgate do Egito antigo(Kemet) para a África, como por exemplo, (Cheikh Anta Diop, Marcus Garvey, Joseph Ki-Zerbo, Frantz Fanon, Kwame Anthony Appiah, Achille Mbembe, Maulana Karenga, Elisa Nascimento, Ama Mazama, Carlos Moore, Abdias de Nascimento, Boaventura de Sousa Santos, Renato Nogueira, Immanuel Wallerstein).

A descolonização se propõe a mudar a ordem do mundo, é, como se vê, um programa de desordem absoluta, mas não pode ser resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um acordo amigável, pois é um processo histórico, isto é, só pode ser compreendida, só tem inteligibilidade, só se torna translúcido para si mesmo senão na exata medida em que se discerne o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo (FANON, 1961, p. 26).

Pois, é bem verdade que a supremacia branca sempre inviabilizou, negativou e, por vezes, excluiu a contribuição das civilizações africanas na história da humanidade. O continente africano é sempre descrito a partir de uma perspectiva europeia na qual sua existência começa com chegada das potências europeias ao continente em que caracteriza os africanos como selvagens, bárbaros e inferiores, por isso precisavam ser dominados, escravizados durante centenas de anos, aprisionados durante o período da colonização e assimilá-los com base a realidade europeia até se tornarem alienados para que fossem visto como pessoas, isto é, “não havia história africana e que os africanos colonizados estavam pura e simplesmente condenados a endossar a história do colonizador” (KI-ZERBO, 2006 p. 15) como escreve Hegel (1774-1831) “África é um continente sem história”.

Por consequência disso o africano passa a negar-se como negro, despreza sua cultura, crença, não conhece a história dos seus ancestrais, e cada dia que passa sofre com isso, através do racismo, preconceito, discriminação, homofobia e por não conseguir se defender devido à falta de identidade, ele tenta ser um negro-branco, isto é, embranquecer-se, pois

[...] todo povo colonizado, isto é, todo povo no seio do qual nasce um complexo de inferioridade, de enterrar a originalidade cultural local – situa-se frente-a-frente à linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. O colonizado se fará tanto mais evadido de sua terra quanto mais ele terá feito seus os valores culturais da metrópole. Ele será tanto mais branco quanto mais tiver rejeitado sua negrura, seu mato (FANON, 2008, p. 52-53)

É em oposição a esse quadro de negação que emerge a ideia Afrocêntrica. De modo à qual se refere essencialmente à concepção de “lugar”, isso devido o deslocamento em que foram sujeitos, a África deve se constituir através da integração, que infelizmente já não existe hoje, como demonstra Ki-Zerbo:

[...] é pelo ser que a África poderá realmente vir à tela, mas é preciso um ter autêntico não o ter de esmola, de mendicância e que o problema de identidade cultural e do papel a desempenhar no mundo. Pois sem identidade cultural somos um objeto da história, um instrumento utilizado pelos outros, um utensílio (2006, p. 12)

A afrocentricidade “é uma escola de pensamento que coloca África no centro de todos os estudos que se relacionam com o continente africano e com os povos de descendência africanas” (FINCH III, 2009, p. 167), de certa forma, a afrocentricidade surge para tornar os africanos autoconscientes, e se desfazem dessa manipulação e imagem cultural que a supremacia branca criou de si. “Afrocentricidade surge em resposta à supremacia branca, a qual tem assumido diversas formas que certamente não são exclusivas entre si, a supremacia branca se expressa como um processo físico de pura violência, muitas vezes extremamente brutal” (MAZAMA, 2009, p. 111).

Devido ao processo de deslocamento é necessário que o africano se situe quando estiver a contar, escrever sua própria história, pois, a:

[...] deia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base a localização centrada na África e sua diáspora (IDEM, p. 93).

Segundo a perspectiva afrocêntrica, os pesquisadores africanos devem estar conscientes do compromisso de se localizar (quem e para quem), isto implica "explicar o lugar de onde o olhar parte" ao escrever e\ou pensar sobre a\o África\negro "implica mudança de direção no olhar", para que o leitor possa situar-se e encontrar-se dentro da escrita deixando suas impressões. Com estes olhares, notaremos se ele descreve numa agência africana como defende os afrocentristas. A preocupação dos afrocentristas está em descobrir, em todo lugar e qualquer circunstância, a posição de sujeito e agente africano, ressaltando que, para afrocentricidade “o lugar não se baseia em categorias biológicas ou genética de raça, mas sim histórica e cultural”. (NASCIMENTO, 2009, p. 191).

As fontes da afrocentricidade deram-se a partir de movimentos como negritude e principalmente do pan-africanismo, isto nos leva a querer compreender de que maneira se dá a relação entre, o paradigma da afrocentricidade e outras contribuições (Negritude e Pan-africanismo) na qual uma “geração e historiadores africanos que resolveram redescobrir a história africana e reinterpretar a história mundial partindo de uma perspectiva africana, com objetivo de devolver aos africanos a sua história e a oportunidade de reafirmar a sua identidade cultural e negrura tornando-se sujeitos da mesma” (KI-ZERBO, 2006, p. 13).

Para compreender a afrocentricidade é preciso levar em conta a agência, que advém de uma perspectiva teórica e prática. Já que em

[...] termos teóricos é a colocação do povo africano no centro de qualquer análise de fenômenos africanos, [...] torna-se um agente transformador na prática através de todas as nações velhas se tornarem novas, produzindo uma transformação de atitudes, crenças, valores e comportamento na vida das pessoas, fazendo de África sua primeira referência (ASANTE, 1980, p. 14).

É fundamental que se compreenda a teoria para assim avançar nos terrenos (práticas), pois segundo Asante (1980), não são todos que possuem a capacidade de questionar e identificar os símbolos que permitirão modificar todo o mundo africano e, necessariamente influenciar o pensamento europeu e asiático. Para não, voltarmos a ter um ponto de vista branqueado gerado por um túnel artificialmente iluminado com luzes europeias, estando aptos para entrar na prática. Sousa, em seu livro “Epistemologia do Sul” (1995, p. 508), afirma que é necessário que a Europa, ou melhor, que o ocidente se mantenha no seu lugar particular de onde saiu e dar a oportunidade a outros saberes. Mas para isso é fundamental ‘aprender que existe um Sul, a ir pro Sul e aprender a partir do Sul e com o Sul’ e só assim poderemos pensar em uma multipluralidade de saberes. Segundo Santos e Menezes, “as Epistemologias do Sul é um convite a um amplo reconhecimento das experiências de conhecimentos do mundo, incluindo, depois de reconfiguradas, as experiências de conhecimento do Norte Global”. (2010, p. 26)

Com base no que foi exposto acima, em linhas gerais, o nosso desafio com esta pesquisa é abordar de que maneira o paradigma da afrocentricidade oferece subsídios, ou fundamentos para a superação de problemas epistêmicos que a colonização deixou ao africano no plano das relações entre o Norte e Sul Global?

Depois de ter compreendido melhor de como surgiu o universalismo europeu e quanto isto tem afetado de forma tão negativa as sociedades não privilegiadas como as africanas, é notável como a história designa as demais sociedades como étnicas, menos as europeias. A “Europa forjou grande parte de sua identidade moderna à custa dos africanos” (MAZAMA, 2016, p. 112), e a importância da afrocentricidade como agente inovador para que haja uma africanidade é crucial no combate a esses flagelos menosprezantes criados pelo Ocidente.

Dessa forma, foram surgindo outras inquietações como, por exemplo: Entender de que maneira a reflexão da afrocentricidade sobre agência contribui para a geopolítica do pensamento? Porque estudar a História de África? De forma podemos levar os Estados\organismo internacional (ONU) a criarem políticas afirmativas para o resgate de um ensino afrocentrado? A posição dos afrocentrista é de que isto é possível, aliás, essencial, mas somente pode acontecer se buscarmos as respostas em categorias anti-hegemônicas de tempo e espaço que colocam a África ao centro da análise das questões africanas e que mostram os

africanos como participantes ativos da história humana. Abdias Nascimento está na vanguarda deste novo poderoso pensamento no mundo (NOGUEIRA, 2005, p. 15).

Contudo, a partir desses relatos e diálogos, cremos que por meios de análise bibliográfica que consiste em leituras de textos dos autores do pensamento do sul global tentaremos dar respostas aos nossos questionamentos e inquietações.

2 HIPÓTESE

O paradigma da Afrocentricidade nos oferece subsídios e fundamentos para superar os problemas epistemológicos deixados pelo colonizador, nos dá o desafio de pesquisar mais sobre a África, porém de forma diferente em relação àquelas maneiras que colocavam África como continente sem história e cultura.

Com base nisso a hipótese desta investigação consiste em afirmar que a transformação de perspectiva em relação a questões teóricas, culturais e sociais, exige de acordo com a afrocentricidade uma concepção de “agência”.

Para afrocentricidade o re-centramento na realidade africana é condição para a emancipação do africano de uma perspectiva epistêmica, política e filosófica.

Assim faz parte ainda de nossa hipótese afirmar que a ideia afrocêntrica rejeita a marginalidade e a alteridade impostas pelo eurocentrismo, com a finalidade de demonstrar a centralidade da África na história mundial, expondo que não podemos viver do modelo do colonizador.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Analisar o paradigma da afrocentricidade como forma de descolonização dos saberes em diferentes realidades em que o africano se encontra.

3.2 ESPECÍFICOS

- Compreender a relação teórica e/ou prática do paradigma da afrocentricidade com outros paradigmas (negritude e pan-africanismo);
- Apontar as evidências do desenvolvimento teórico e identificar possíveis problemas causados pela falta de reafirmação cultural e ciência africana dentro da academia tem causado aos africanos e não só;
- Caracterizar os efeitos da colonização no sul global;
- Pensar o protagonismo africano partindo da epistemologia afrocêntrica “afroecologia”.

4 JUSTIFICATIVA

A realização deste projeto de pesquisa nasceu no decorrer de alguns debates e questionamentos que foram surgindo no curso de Bacharel em Humanidades, mas foi no âmbito das atividades de pesquisa do Grupo de Estudos Geofilosofia, coordenado pelo Prof. Dr. Cleber Daniel Lambert da Silva, que surge o interesse de entender como a filosofia africana pode pensar a importância da adesão ao continente africano na reafirmação de uma identidade cultural e da ciência na academia. Como nos traz Mbembe (2001): que não podemos recuperar o que perdemos e nem fingir que sofremos alterações, pensamos na negritude e no pan-africanismo.

Com base as leituras realizadas até o momento percebemos que de certa forma as ideias da negritude e principalmente pan-africanista, estão presentes na afrocentricidade isso desde os discursos e pensamentos de historiadores a filósofos desde no processo de luta da colonização dos países africanos. (NASCIMENTO, 2009 apud NOGUEIRA, 2015)

Resolvemos fazer este projeto de pesquisa, porque acreditamos que a descolonização dos saberes só é possível com a inserção de referências africanas na academia, isso porque, enquanto a história acadêmica continuar invisibilizando e marginalizando tudo aquilo que se refere à África, o africano continuará alienado e acreditando que aquela é a sua verdadeira história e que acontece o que acontecer não deixará de ser um subalterno.

A pesquisa será de extrema relevância para todos os pensadores que se interessam em abordar a história africana, ajudando-os a compreender a importância de usar referências africanas como processo descolonizador e, principalmente, aos estudantes do curso de

Bacharel em Humanidades de formas a guiá-los a ter um pensamento afrocentrado, e ainda poderá servir de base para se compreender de que, o fato da pessoa ter nascido e crescido no continente africano não a torna especialista em África, pois, de certa forma, estamos tão assimilados quanto como aos que estão fora. A diferença é que, fora de África oferece ao africano uma visão mais detalhada e específica dessa alienação, isto porque, o africano vai começar a sentir na pele como é ser um africano fora do continente. Uma vez que a palavra África e africano, de certa forma, na disporá é muito associada à negatividade perante a sociedade, é importante levar em conta que ser africano em África (Angola) é muito diferente em ser africano no Brasil.

O que motivou a seguir essa linha de pesquisa apesar das dificuldades encontradas ao longo desses períodos foi um dos discursos do jamaicano Marcus Garvey, 1925, de como nos leva a refletir sobre como o negro se coloca e é colocado no mundo hoje, de como nos deixamos levar pelo embranquecimento e pela branquitude, e permitimos assim que fiquemos no esquecimento.

O mundo de hoje está em dívida conosco para com os benefícios da civilização. Eles roubaram nossa arte e ciência da África. Então porque nós deveríamos ter vergonha de nós mesmos? Suas melhorias modernas são apenas duplicatas de uma civilização grandiosa que refletimos milhares de anos atrás, sem a vantagem do que é enterrado e ainda escondido, para ser ressuscitado e reintroduzido pela inteligência de nossa geração e nossa prosperidade. Por que devemos ser desencorajados por alguém que ri de nós hoje? Quem irá dizer o que o amanhã trará? Será que eles vão rir de Moisés, Cristo e Maomé? Não estava lá um Cartago, Grego e Romano? Nós vemos o que muda a cada dia, para orar, para trabalhar, ser firmes e não ter assombres. (1925P)

Admitimos também que, uma pesquisa como essa vem sendo o ponto de partida para defendemos a revolução cultural e ciência africana devidamente compreendida. Partimos de uma abordagem africana porque acreditamos que, “na medida em que tem sido incorporada nas vidas de milhões de africanos no continente e na diáspora, a afrocentricidade tem-se tornado revolucionária, atacando as muitas falsificações da verdade e atitude de auto-ódio que tem oprimido a grande maioria de nós” (ASANTE, 1980, p. 4). É preciso termos em conta que, no “continente\Angola”, os privilégios, as relações humanas e as relações de poder, são norteadas pelos conceitos de cor e raça, somos educados a não ver “cor” nem “raça”, que só existe raça humana, sustentando a ideia de que somos todos “irmãos”, devido isso os efeitos do colonialismo são cada vez mais presentes e preocupantes, para isso não acontecer é importante que procurassem reestudar a história africana na qual temo-nos como sujeitos, ou continuaremos a ser objetos do ocidente.

Porém cabe a nós salientar que a ideia "não é desvalorizar o pensamento europeu", antes disse, queremos apenas dar aos estudantes a oportunidades de terem um pluralismo de conhecimento, que nada é universal, são ideias particulares que precisam dialogar para a construção de um mundo melhor. Realçando que o processo de descolonização só é possível acontecer quando a pessoa se depara com uma diversidade de saberes, isto é, necessita mais de um saber, para que ele tome consciência do que o identifica, ajudando-o a localizar-se o tempo e no espaço. Do mesmo jeito que, a afrocentricidade aponta a centralidade da “agência” de África para o africano tornando-o sujeito de sua própria história, o Eurocentrismo também precisa se particularizar apenas na Europa, entre outros.

O projeto apoia-se no conceito de “afrocentricidade” Asante (1980), porque se aponta como o primeiro e único paradigma que apresenta características e fundamentos necessários para uma reestruturação da reafirmação da identidade cultural africana no momento, pois sabemos que, ela não pode ser ortodoxia¹, é importante que se crie e apresentem pensamentos que correspondem às demandadas que a sociedade vem apresentando ao decorrer do tempo, assim como teve a Negritude, o Pan-Africanismo, a afrocentricidade vai surgindo outros.

O paradigma afrocêntrico não é, nem pode ser uma ortodoxia. O próprio Diop (1955) advertiu contra trocar as velhas ortodoxias por novas. Como modelo, o pensamento afrocêntrico nos ajuda a direcionar a atenção, permitindo-nos ver o que antes estava escondido pela onda eurocêntrica. Mas, em si e por si mesma, a afrocentricidade não é eterna ou permanente e deve ser empregada da mesma maneira que qualquer metodologia, isto é, de forma impecável, com talento, habilidade, objetivo e controle. Não podemos investir no paradigma por si e para si – devemos trabalhar para o dia em que, como acontece com todos os paradigmas, um modelo mais rico e mais dinâmico possa surgir dele e tomar seu lugar (FINCH III, 2009, p. 177).

“Todos nós, independente das nossas origens, da nossa cor da pele, religião, precisamos conhecer de onde viemos, porque existimos e para onde vamos, para que assim possamos estar localizados no tempo e no espaço”. Incluir a história da África é fundamental para perceber este desafio. Estão aí manifestações culturais e religiosas que sobreviveram à escravidão. Através dela, e no confronto com a discriminação racial decorrem comportamentos, característicos, atavismos, expressões de sentimentos, formas de organização e de convivência comunitária, essa negação em inserir o estudo da história de África na academia tem dificultado o africano a reafirmar a cultura e na compreensão do universo em si. (SAVITE, 2011). Uma vez que com a reafirmação da identidade culturas e

¹ É a condição de cumprimento absoluto com todas as decisões, preceitos e ideais de certo padrão ou dogma considerado tradicional, de modo rigoroso e rígido.

história africana, o africano poderá estar em contato com sua a história se orientar e localizar a partir de uma “agência” afrocêntrica.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

É importante salientar a forma como o Eurocentrismo marcou o que percebemos como “modernidade”: aniquilou culturas, codificou raças, somaram às diferenças, impactos sofridos por todos os povos colonizados até hoje, o que chamamos de “Colonialidade”. Neste processo de descobrimento, depois de reconhecido os territórios colonizados passavam ao controle e dominação das pessoas, com a justificativa de pacificá-las, de apresentá-las a civilização, a salvação através do catecismo. A modernidade significava a Europa e, nessa perspectiva as relações se tornaram binárias, o que era desenvolvido de um lado e o resto, o que era primitivo, de outro, caracterizado pelas diversas “raças”. Os povos colonizados (Sul global) foram inseridos na modernidade de forma a desacreditar em qualquer meio de mudança, em qualquer pensamento que não participe da lógica europeia, linear e Ocidental. Ao reprisar conceitos e prerrogativas externas, homogeneizadoras, modernas e ocidentais, o indivíduo esquece seu próprio ser, sua própria raiz aniquilada e encoberta ao longo de tantos anos pelo colonialismo e que ainda exprimem a “Colonialidade”. (HAAS, 2007, QUIJANO, 2000 apud SANTOS; MENESES 2010).

A ideia de que, através dos processos de “escravidão, colonização e apartheid”, o eu africano se tornou alienado de si mesmo (*divisão do self*) supõe-se que esta separação resulta em uma perda de familiaridade consigo mesmo, a ponto de o sujeito, tendo se tornado um estranho para si mesmo, ser relegado a uma forma inanimada de identidade (objetificação). Não apenas o eu não é mais reconhecido pelo Outro, como também não mais se reconhece a si próprio. (MBEMBE, 2014, p. 5).

Conforme a narrativa dominante, os três eventos citados a cima, acarretaram a ausência de bens, sendo assim um processo no qual os procedimentos econômicos e jurídicos levaram à expropriação material. A isto seguiu uma experiência singular de sujeição, identificada pela falsificação da história da África pelo Ocidente, o que resultou em um estado de estranhamento máximo e de “desrazão”, (ASANTE, 2014, p. 5). Nesse sentido a reabilitação do africano deve levar em conta um resgate de sua história e do seu próprio ser, pois o africano é ignorante e aquele que admira ou é inspirado pela cultura europeia e a sua história tem sido amplamente reconstruída:

[...] com um verdadeiro conhecimento do passado é possível de manter na consciência o sentimento de uma continuidade histórica, indispensável para a consolidação de um estado multinacional [...] não é indiferente para um povo entregar-se a uma investigação desta natureza, a um tal reconhecimento de si próprio; isto porque, ao proceder desta forma, o povo em causa apercebe-se daquilo que é sólido e válido nas suas próprias estruturas culturais e sociais, no seu pensamento em geral; para além disso, dá conta daquilo que existe de frágil nestes últimos, e que por conseguinte não resistiu ao tempo (DIOP, 2014, p. 5).

A abordagem afrocêntrica da descolonização dos saberes pode ser feita na medida em que se vai tendo acesso e\ou contato com referências africanas\negras, despertando e alterando aos afrodescendentes e africanos a maneira como pensam sobre si próprio, sua história e seu futuro, partindo de uma “agência” africana permitindo ao leitor se localizar, se vê dentro daquele conteúdo lido:

Afrocentricidade responde esta questão assegurando o papel central do sujeito africano dentro do contexto histórico africano, por conseguinte, removendo a Europa do centro da realidade africana. Deste modo, Afrocentricidade promove uma ideia revolucionária porque estuda ideias, conceitos, eventos, personalidades e processos políticos e econômicos de um ponto de vista do povo negro como sujeito e não como objeto, baseando todo conhecimento na autêntica interrogação sobre a *localização* (ASANTE, 1980, p. 3).

Estando fora ou dentro do continente, é necessário levarmos em conta que, a afrocentricidade foi pensada a partir de uma centralidade africana, tendo-o como sujeito, porém muita das vezes ela só será percebida quando forem apontados e identificados os possíveis problemas existentes citados em cima, pois o fato de nascermos dentro do continente não nos tira a responsabilidade de revogar a imagem que o ocidente criou do africano e de África:

[...] somente de um lugar centrado na experiência própria dos povos africanos é possível, no contexto social da supremacia branca, perceber a brancura como etnicidade específica, pois a sociedade a apresenta como norma universal, pano do fundo identidade subjacente e universal que não precisa ser articulada (NASCIMENTO, 2009, p. 190).

Muitas das vezes a falta de representatividade africana\negra no processo educacional do africano tem contribuído de forma crucial para o sofrimento e desencaminhamento, porque muitos dos discentes africanos não se veem naquilo que lhes é ensinado, não basta os dizer que somos todos iguais, se os livros, cadernos e a mídia só apresenta brancos e quando resolve apresentar ou falar do negro é sempre como figurante, palhaço, escravo, subalterno, mendigo ou bandido, somos aquilo que vemos, enquanto estivemos ausentes dentro do

sistema, o racismo, a colonização, dominação e embranquecimento não vai acabar.

A História da África tem sido abordada nos currículos escolares, apontando os mitos radiológicos que têm sido historicamente retroalimentados por conceitos carregados de racismo e estereótipos. Moore (2007) destaca, ainda, a problemática das fontes que denomina de “poluídas”, alertando para a retroalimentação do racismo por livros que, mais fortalecem do que desconstruem certo estereótipo. Para o autor, a importância da utilização de um referencial teórico-metodológico de origem africana é um dos pré-requisitos para a “descolonização” dos conteúdos das disciplinas voltadas a História da África, não podendo os profissionais que se habilitam a trabalhar com a mesma deixar de utilizar.

É importante salientar que “a descolonização é um encontro de duas forças congenitamente antagônicas que tem precisamente a sua origem nessa espécie de substancialização que a situação colonial excreta e alimenta”. “[...] a descolonização é verdadeiramente a criação de pessoas novas”. Mas essa criação não recebe a sua legitimidade de nenhuma potência sobrenatural: a “coisa colonizada se torna homem no processo mesmo pelo qual ela se liberta” (FANON, 2008, p. 52-53).

A identidade permite que uma pessoa possa ser reconhecida, conseqüentemente, a identidade cultural define um indivíduo. Devemos ter consciência da importância da identidade, uma vez que temos memória e sem ela seria impossível nosso próprio reconhecimento, o ser humano “diferente” de outros seres tem a capacidade de se “conhecer saber de si mesmo”. Segundo Hall (2011) que trabalhou a identidade cultural na pós-modernidade, entendendo-a como algo que se transforma continuamente e que é definida historicamente. Tal identidade não está unificada e muito menos é inata, ao invés disso, ela está em construção, estando aberta para novas articulações.

[...] precisamos vincular as discussões sobre identidade a todos aqueles processos e práticas que têm perturbado o caráter relativamente ‘estabelecido’ de muitas populações e culturas: os processos de globalização, os quais, [...]Coincidem com a modernidade (HALL, 1996 apud HALL, 2011, p. 108), e os processos de migração forçada (ou ‘livre’) que tem se tornado um fenômeno global do assim chamado mundo pós-colonial. As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões ‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’ e ‘como nós temos sido representados’ e ‘como esta representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’. Elas têm a ver tanto com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante reiteração, mas como ‘o mesmo que se transforma não o assim chamado ‘retorno às raízes, mas uma negociação com nossas ‘rotas’(GILROY, 1994 apud HALL, 2011, p. 109).

A falta de reafirmação de identidade cultural e ciência africana na academia nós leva a apontar a debilidade do universalismo europeu em se manter como centro ou universal, já que “não tem sido calmo e objetivo o suficiente para nos ensinar corretamente a nossa história sem falsificações grosseiras” (DIOP, 1955, p. 8). Isso demonstra que está na hora da Europa reconhecer que seus saberes não respondem a infinitas demandas que o mundo vem enfrentando, talvez o seu erro tenha sido querer responder por todos mesmo sabendo que o universo é constituído por diferentes realidades e cada um apresenta diferente demanda.

O Ocidente não deve continuar a abdicar da existência de literaturas africanas, nem simplesmente se apropriar dessas literaturas e saberes como se fossem deles, é melhor para o Ocidente reconhecer que existe uma diversidade de saberes que precisam ser abordados e reconhecidos, mas para isso se manter no particular assim como todas as demais, não será fácil, mas preciso.

A crítica dos ex-colonizados ao eurocentrismo, revelou que as regras tidas como universais não conseguem dar conta da pluralidade das experiências humanas [...] é preciso reavaliar o lugar, do desenvolvimento do pensamento ocidental universalista, a filosofia parece ignorar o fato de existir uma literatura bem extensa de autores não ocidentais avaliando e julgando, de acordo com suas perspectivas e sua consciência, a história e as instituições ocidentais [...] as literaturas africanas simplesmente não é lida pelos pensadores ocidentais das correntes principais (mainstream) ou da ordem estabelecidas da academia. Assim, é como ver referências à autorreflexão que a cultura ocidental faz como se fosse uma iniciativa do próprio ocidente a emergência e o conhecimento de autores não ocidentais (NASCIMENTO, 2009, p. 183-184).

É importante levar em conta que, cada sociedade é centro e agente do seu próprio povo ou de si, assim como, traz a afrocentricidade para pensar e colocar a “agência, o centro, o lugar” de África para todos os africanos tornando-se sujeitos de sua própria história.

A afrocentricidade é uma perspectiva filosófica associada com a descoberta localização e realização da agência africana dentro do contexto de história e cultura. A “agência” significa que toda a ação tem de ser fundamentada em experiências africanas, como tal a afrocentricidade oferece tanto ao teórico como ao praticante, canais de análises nítidos e precisos (ASANTE, 1980, p. 4).

De acordo com Asante, “o renascimento africano somente é possível se houver uma ideologia africana, distinta de uma ideologia eurocêntrica, que promova agência africana”, ou seja, um sentimento de autorrealização baseado nos melhores interesses do povo africano. O objetivo é que você seja capaz de ter consciência do seu poder enquanto toma contato com fontes afrocêntricas e, de reconhecer que nada pode substituir seu lugar na sua própria história.

[...] é um modo de pensamento e ação no qual a centralidade dos interesses, valores e perspectivas africanas predominam. Em teóricos: é a colocação do povo africano no centro de qualquer análise de fenômenos africanos. Em termos de ação e comportamento, é a aceitação da ideia de que tudo o que de melhor serve a consciência africana se encontra no cerne do comportamento ético. Procura consagrar a ideia de que a negritude em si é um tropo de éticas. [...] ser negro é estar contra todas as formas de opressão, racismo, classismo, homofobia, patriarcalismo, abuso infantil, pedofilia e dominação racial branca (1980, p. 3).

Embora tenham existido diversos autores que escreveram e falaram sobre a História de África e trazendo à tona muitas vezes em seus discursos que foi a partir do continente que existiu a primeira “civilização”, a ideia de fazer aparecer aquilo que as civilizações europeias apagaram, deixando os africanos e afros fora do que era considerado humano civilizado e bom, foi a partir de Asante, segundo Nascimento, (2009) tomando apoio em Karenga, Rebeka e FinchIII, que surgiu o conceito de afrocentricidade:

O conceito de afrocentricidade foi cunhado por Molefi Asante (1980) e desenvolvido como paradigma de trabalho acadêmico no final do século XX. As raízes mais profundas da afrocentricidade estão localizadas no pan-africanismo que surgiu a partir do século XIX, além dos estudos pós-colonialistas e da nítida inspiração das teorias e ativismo social pelos direitos civis dos anos de 1960 nos Estados Unidos da América. Enfim, são diversos os enfoques intelectuais que influenciaram o paradigma afrocêntrico. Sem dúvida, muitos elementos estavam presentes em diversas autoras e autores como W.E.B. Dubois, Anna Julia Cooper, Cheikh Anta Diop [...] Frantz Fanon [...] Kwame Nkrumah, Malcolm X, Amílcar Cabral, Walter Rodney, Ella Baker e Maulana Karenga. Porém, estou de acordo com Reiland Rabaka, foi, somente, com Asante que a afrocentricidade ‘recebeu seu primeiro tratamento teórico sistemático’ (NASCIMENTO, p. 38; 131-130).

Segundo, Asante “o exercício e afirmação da herança cultural africana eram necessárias para a verdadeira libertação do africano na diáspora, o ‘pan-africanismo’ é nitidamente a relação do africano no continente e na diáspora como variação de um povo um projeto cultural gigante” (1980, p. 25).

As leituras preliminares que fundamentam este projeto e que deverão ser desenvolvidas ao longo de nossa pesquisa apontam o que levou Molefi Asante a criar o conceito afrocentricidade, talvez seja devido à ausência de referências que abordam sobre a História de África e dos africanos durante a sua formação acadêmica nos Estados Unidos da América (apesar de que durante a formação, Asante foi influenciado pelo seu colega nigeriano Essain Essain, cujo seu caráter inteligente inspirou-o a aprender sobre a África, levando-a conhecer a obra que desafiou a unicatibilidade da hegemonia europeia, *A Origem Africana da Civilização* escrita pelo Senegalês Cheikh Anta Diop (1955) e entre outros como o pan-africanismo e a negritude), tornando-se uma ativista que não concordava com essa exclusão

da História da África e dos africanos dentro do sistema, e muito menos com a forma marginalizadas que eram tratadas as pessoas negras nos EUA, resolvendo escrever e falar sobre a necessidade de uma orientação Afrocêntrica de informação:

Durante os anos de 1960 um grupo de intelectuais afro-americanos inseriram os Estudos Negros nos departamentos das universidades, começando a formular maneiras originais de análise do conhecimento. Em muitos casos, estes novos modos foram denominados de conhecimento numa “perspectiva negra” como oposição ao que tem sido considerada “perspectiva branca” da maior parte do conhecimento na academia americana. No fim dos anos de 1970 Molefi Kete Asante começou a falar sobre a necessidade de uma orientação Afrocêntrica da informação. Em 1980 ele publicou o livro, Afrocentricidade: a teoria da mudança social, o qual promoveu pela primeira vez um debate detalhado do conceito. Embora o termo seja anterior ao livro de Asante tenha sido usada por muitas pessoas, incluindo Asante nos anos de 1970 e Kwame Nkrumah na década de 1960, a ideia intelectual não tinha base enquanto conceito filosófico antes de 1980 (NOGUEIRA, 2015, p. 2).

É importante salientar que, a afrocentricidade acaba surgindo como meio para responder o eurocentrismo que vem assumindo o papel de rei na sociedade e permitindo com que o africano tenha uma experiência de vida, partindo do pressuposto de ter a si mesmo como referência:

[...] a supremacia branca, a qual tem assumido diversas formas que certamente não são incluídas entre si. [...] a supremacia branca se expressa como um processo físico de pura violência, muitas vezes extremamente brutal. A escravidão, pelos europeus, de milhares de africanos durante várias centenas de anos, o extermínio dos povos indígenas na América, assim como a matança e o aprisionamento de milhões de africanos durante o período da colonização são apenas exemplos de uma lista aparentemente interminável de atos de terror perpetrados por supremacistas brancos em todo planeta (MAZAMA, 2006, p. 111).

Para Asante (1980) “o ressurgimento do nacionalismo é uma arma do pan-africanismo, não podemos permitir o assalto do movimento por parte daqueles que não entendem nem nossa história, nem nossas lutas”. (1980, p. 66). Isto porque a Afrocentricidade vem sendo duramente criticado por intelectuais europeus e africanos no sentido de comparar ou igualar ao eurocentrismo.

Nossa investigação também buscará compreender a abordagem entre o saber local e o saber universal, imposto pela cultura dominante. Com efeito, é a principal referência para a proposição teórica da descolonização do saber, pois é com muita frequência que os europeus falam, escrevem e dizem sobre o africano. A educação é compreendida como a conquista pelas novas gerações das visões de mundo, dos sistemas de valores e dos fundamentos para construir seus próprios conhecimentos. Por isso, Asante nos mostra a importância da “epistemologia do lugar” na ideia afrocêntrica.

O afrocentrista está a todo preocupado em descobrir em todo lugar e qualquer circunstância a posição de sujeito da pessoa africana [...] a discussão dos fenômenos africanos tem se dado com base naquilo que pensam, dizem e fazem os europeus, e não no que os próprios africanos pensam dizem e fazem [...] por isso o propósito do afrocentrista é demonstrar um forte compromisso de encontrar o lugar do africano como sujeito em quase todo evento, texto e ideia. Isso não é fácil porque as complicações da identidade de lugar são frequentemente descobertas nos interstícios entre o que nós somos e o que desejamos ser. [...] o lugar revela como a afrocentricidade não se baseia em categoria biológica ou genética de raça, quem se localiza no lugar da abordagem afrocentrada não precisa ser afrodescendente, da mesma forma que nem todo afrodescendente se posiciona neste lugar. O que importa é a análise crítica do etnocentrismo hegemônico e a articulação e aplicação criteriosa dos métodos, conteúdo e fundamentos da abordagem afrocentrada (NASCIMENTO, 2009, p. 97; 191).

As leituras principais que embasam este projeto e que serão desdobradas no decorrer da nossa pesquisa salientam a maneira como a identidade cultural remetesse ao sentimento de “pertencimento”, de se deixar influenciar e se reconhecer em aspectos étnicos, raciais, linguísticos, nacionais, religiosos, além de simpatizar com determinadas práticas culturais (HALL, 2006, p. 8). A ideia de um país determinado por raça é algo irreal, uma vez que as nações são compostas por variações, não existindo uma raça superior ou inferior. Além disso, conforme argumenta Hall (2006), a raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Mais adiante, em seu livro afirma que as:

[...] identidades culturais têm sido deslocadas devido à globalização. Os fluxos culturais promovidos pela globalização têm criado identidades culturais híbridas e partilhadas, as identidades locais não deixam de existir, mas passam a sofrer influências externas, que podem gerar sua modificação ou sua reafirmação (HALL, 2006, p. 59).

A necessidade de procurarmos reorientar a uma posição centrada a sua ancestralidade “constitui-se através da integração, essa integração que não existe verdadeiramente hoje”. É pelo seu “ser” que a África “poderá realmente vir a tê-la; mas é preciso um ter autêntico não um ter de esmola, de mendicidade” (KI-ZERBO, 2006, p. 12).

Nós devemos colonizar nossos próprios santos, criar nossos próprios mártires, e elevar a posições de fama e honra homens e mulheres negras que construíram suas distintas contribuições para nossa história racial, precisamos esclarecer nossa própria história, nos tornarmos sujeitos delas e não objetos, e contribuir para o desenvolvimento das nossas culturas e ancestrais que foram invisibilizados, mas que só serão levadas a sério quando saírem de ideias no papel ou na boca e irem para ação, praticam, para isso é necessários que os próprios africanos invistam na sua própria história, cultura, pois enquanto a educação africana continua pautada no olhar europeu nunca haverá reconhecimento, visibilidade e valorização dela (GARVEY, 1925).

Neste caso, nada melhor que a Afrocentricidade por se pautar em questões que

garantem o papel central do sujeito africano dentro do contexto histórico africano, e assim removendo a Europa do centro da realidade africana. Deste jeito, a Afrocentricidade promove uma ideia revolucionária por estudar ideias, conceitos, eventos, personalidades e processos políticos e econômicos de um ponto de vista do negro como sujeito e não como objeto, baseando todo conhecimento na autêntica interrogação sobre a localização no espaço e no tempo (NASCIMENTO, 2009).

Em sua obra “Para quando a África?” Ki-Zerbo (2006) aborda que o problema do desenvolvimento de África não é uma questão de meios, mas, em primeiro lugar, de identidade, para explicar isso traz a ideia de “desenvolvimento endógeno” reafirmando que não podemos continuar a transferir e tentar resolver nossos problemas como temáticas europeias, de fato é preciso rejeitar, recusar o modelo linear de desenvolvimento, é necessário extrairmos de nós mesmo os elementos da nossa própria realidade.

Portanto, Diop (1955) em sua obra, “A Origem da Civilização Africana”, salienta a importância de estudar e reescrever a história de África partindo da civilização Egípcia (Kemet), isso porque enquanto pensadores africanos continuarem a explicar, contar e escrever sobre África partindo da civilização europeia (Grécia), estará contribuindo para a marginalização e pouca visibilidade da História de África na academia, pois é bem notável que as tais referências continuam pouco disponíveis, e ainda marginalizadas no contexto do cânone acadêmico, para o mundo africano. Realça ainda que, todo “o historiador Africano, que evita o problema do Egito não é nem modesto nem objetivo, nem imperturbável; ele é ignorante, covarde e neurótico”.

A história da África Preta permanecerá suspensa no ar e não pode ser escrita corretamente até que historiadores Africanos se atrevam a conectá-la com a história do Egito. “Em particular, o estudo das línguas, instituições, e assim por diante, não podem ser tratadas adequadamente; em uma palavra, será impossível construir” Humanidade “Africana, um corpo de ciências humanas Africano, desde que essa relação não apareça legítima (DIOP, 1955, p. 16).

Para Asante (1998 apud NASCIMENTO, 2009, p. 11-116):

[...] a linha de pesquisa inaugurada por Cheikh Diop constitui ponto de partida da abordagem afrocêntrica, o pensamento e o passado clássico africano, localizado na antiga civilização do Egito (Kemet) e do vale do Rio Nilo, são realçados como referências de uma perspectiva africana, da mesma forma que a Grécia e o Império Romano são referências do mundo europeu. [...] atores como Cheikh Anta Diop, Molefi Kete Asante, Ivan Van Sertima e entre outros que representam a abordagem afrocentrada tem contribuído de forma rica e definitiva para sua articulação, autores mais recentes contribuem para seu aprofundamento e sua atualização.

Já Asante (1980, p. 66) argumenta que:

[...] diversos escritores que criticam a premissas básicas da afrocentricidade através da exposição de uma perspectiva europeia acerca de tudo desde a cultura até a origem da civilização [...] os escritores africanos que imitem tais modelos europeus são incapazes de pensar dentro de um paradigma afrocêntrico, abdicam de seus pensamentos e sua investigação em favor de objetivo eurocêntrico e conseqüentemente negou sua própria humanidade.

Em muitos discursos de políticos africanos se advém sobre o homem novo, isto é o renascimento africano, porém esquecem que enquanto não nós abdicarmos da super dependência do Ocidente não existirá esse homem novo, não é a unidade que devemos buscar, mas sim cultivar a consciência que transcende a afrocentricidade, para tal é necessário à reafirmação de identidade cultural e ciência africana dentro das academias como caminho para o processo de descolonização dos saberes, não devemos continuar a contar a História de África partindo da chegada das potências europeias ao continente, “a escravidão, a colonização e o apartheid”, é importante ressaltar que a história de África vem de muito antes da presença das potências europeias, e que estes acontecimentos fazem parte da história, mas não é a história, não será fácil.

A afrocentricidade é a convicção de que o povo africano estará no centro da história pós-moderna, é nossa história, nossa mitologia, nossas ideias criativas e nosso ethos como expressão de nossa determinação coletiva [...] baseada em nossa história construímo-nos sobre o trabalho dos nossos ancestrais que nos deixaram os símbolos da nossa função humanizadora o que é possível para nós já foi antecipado pelo renascimento que acontece em muitas comunidades no mundo africano antigo Kemet, a noção-negra, como um exemplo de possibilidade [...] os líderes africanos que falam sobre um renascimento africano tem que saber que é impossível alcançá-lo sem apelar a um passado clássico [...] não se vive no passado, mas usa-se o passado para avançar em direção futura. (ASANTE, 1980, p. 5; 15).

De acordo com Nogueira (2015), a afrocentricidade se apresenta como “corretivo” e como “crítica”, pois quando um povo que sofreu coletivamente a experiência do deslocamento se localiza de novo num lugar centrado, isto é, com agência e responsabilidade, temos um corretivo. Ao re-centralizar a pessoa como agente, analisamos a hegemonia da dominação europeia no pensamento e no comportamento, e aí a afrocentricidade se torna uma crítica.

De um lado, procuramos corrigir o sentido de lugar da pessoa negra e de outro tracemos a crítica do processo e extensão do deslocamento criado pela dominação cultural, econômica, e política pela Europa. Permitir a definição do negro como um povo marginal ou periférico nos processos históricos do mundo é abandonar toda a esperança de reverter à degradação dos oprimidos. O estilo de raciocínio das massas

cria uma referência positiva para os afrodescendentes. Este é o cerne do significado da vida e obra de Abdias Nascimento (NOGUEIRA, 2015, p. 14).

Os próprios africanos poderão afirmar as suas identidades culturais, pois foi excluída enquanto dimensão humana e, é necessário afirmá-la porque expressa os valores humanos. A necessidade da reafirmação da identidade cultural do continente africano e de uma consciência coletiva, por isso, o afrocentrista deve,

[...] determinar o alcance dos mitos sociais, tanto os que são representados como centrais quanto os que são representados como marginais. O que significa que qualquer análise textual deve levar em consideração realidades concretas e experiências vividas; com efeito, experiências históricas constituem o elemento chave da analítica afrocêntrica (ASANTE, 1980, p. 8).

Toda pessoa nascida em África é considerado africano e todo negro lhe é atribuído o prenome “Afro” denominando-se afrodescendente, o que nos chama atenção aqui é a forma como o afrodescendente pensa e vê o africano nascido e crescido no continente, isto é, ver e pensar o africano como os livros, as enciclopédias e a mídia traduz, atribuindo uma obrigação, por vezes prejulgamento pelo fato da pessoa ter nascido e crescido em África tem a obrigação de conhecer e saber tudo sobre África e suas culturas. Quando cheguei ao Brasil ouvi frases como: “ah você não deve ser africana, não fala, nem veste africano”. De acordo com o Asante (1980) e Grosfoguel (2008) coisas do gênero acontecem porque as pessoas têm em mente, ou tendem associar de que, o fato da pessoa ter nascido e crescido no continente africano ligeiramente você é afrocentrista esquecendo-se de certa forma que o continente foi colonizado. Apesar de hoje estamos independentes ainda vivemos sobre as regras e realidades do colonizador, e devido à colonização o processo de alienação e embranquecimento afetaram não somente o afrodescendente, mas também o nato (nascido em África). Porém essas consequências não são tão perceptível, visível de dentro como é de fora, muitas das vezes só percebemos quando saímos do continente. De certa forma é importante levarmos em conta que o fato de nascermos e crescemos no continente africano não faz de nós afrocentrista, mas sim africanos.

Os principais caminhos para um projeto cultural prático passam pelo parto afrocêntrico, a afrocentricidade não é Africanidade. Não é a meta existência da pessoa africana como uma pessoa africana, mas o aperfeiçoamento ativo e autoconsciente do termo humanizador em cada setor da sociedade. Nascer no continente da ancestralidade africana e com experiências história africana faz de alguém um africano; não faz de você afrocêntrico. Africanidade não é afrocentricidade, do mesmo jeito que Ser negro não significa ser afrocêntrico. A afrocentricidade se constitui sobre diversas bases intelectuais tais como: Garvey,

Nkrumah (Pan-africanismo), Senghor, Césaire (Negritude). Sem a genialidade dessas maneiras de ver a presença e a realidade africana, a afrocentricidade jamais poderá ter existido (ASANTE, 1980, p. 166).

Para se tornar um afrocêntrista, ou pelo menos ter um pensamento afrocêntrico é importante que a pessoa esteja consciente, ou perceba que na afrocentricidade é fundamental esclarecer a importância da “agência”, do “lugar”, da “conscientização”, deslocamento do africano, apesar de que a “adesão afrocêntrica não se faz apelo para o ódio, luxúria, ganância ou violência, mas sim com o mais elevado, mais consciente ideologia, apresenta seus pontos de vista, motivos seus adeptos e cativa os cétricos pela força de sua verdade”. Ressaltando que para aquele que coloca como ponto mais alto de sua consciência, se torna vida, simplesmente porque a “afrocentricidade é tudo que você faz” (ASANTE, 1980, p. 15).

Portanto, apoiada nas linhas de raciocínio, nos conceitos e problemáticas acima expostos, a partir de algumas de nossas fontes, levaremos a cabo a investigação proposta neste projeto acerca da *descolonização dos saberes no sul global a partir de uma abordagem afrocêntrica*. Se apoiando em Olade (2014) nós africanos não temos tido escolha a não ser defender e contestar, vigorosamente, muitas das informações distorcidas contidas nas enciclopédias e outros livros. Isso poderá significar uma tremenda mudança na opinião e na atitude de todos os povos e raças que aceitarão a verdadeira história africana, ou seja, a aceitação da verdade que os gregos não foram os criadores da filosofia, arte, matemática, medicina e etc., mas sim os “povos do Norte de África” mudaria a opinião desrespeitosa, marginalizada para a de respeito com os africanos em todo o mundo, que merecem ser vistos e tratados corretamente e de maneira igualitária.

A modificação mais intensa e importante na mentalidade dos africanos poderá ser ‘perder o complexo de inferioridade para tomar consciência da igualdade’ com todos os outros grandes povos do mundo, que construíram grandes civilizações. (DIOP, 1955) em sua obra “A Origem Africana da Civilização” demonstra formas que advertem que foram os egípcios, os negros da África do Norte, os autores da primeira civilização cuja criação é atribuída aos gregos. A descolonização desses saberes liberta o africano do complexo de inferioridade pelo agenciamento de sua própria história, destruindo a cadeia da falsa tradição encarceradora, os africanos deverão a partir da afrocentricidade enfrentar e interpretar o mundo de acordo com sua nova visão e ser autor de sua história.

A abordagem afrocêntrica admite a centralidade dos (africanos(as)), isto é, ideais e valores negros são tomados como as formas mais elevadas de expressão da cultura africana, sua conscientização é um aspecto funcional para uma abordagem revolucionária do

fenômeno. Com esta mudança na mentalidade do negro e do branco, grandes mudanças também são esperadas nas atitudes em relação ao indivíduo e na sociedade como um todo. “Lembrando que se você esquecer, não é proibido voltar atrás e reconstruir, voltar atrás e reconstruir o que esquecemos, o que o opressor tentou esvaziar de nossa mente” (Bonfim, 2009). Talvez a única justiça que pode ser feita para Cheikh Anta Diop, Amilton Cabral, Frantz Fanon, Rainha Nzinga, Marielle Franco, Nelson Mandela, Du Bois, Molefi Asante, Appiar, Jonas Savimbi Abdias de Nascimento e outros valentes guerreiros da raça negra não é apenas ler e estudar as suas obras, mas também divulgá-las.

6 PROPOSTA METODOLÓGICA

Para a presente pesquisa realizaremos um estudo de caráter filosófico e interdisciplinar, usando o método bibliográfico e interpretativo, ou seja, buscar fazer uma pesquisa bibliográfica e a interpretação relacionada ao tema de uma perspectiva crítica.

Essa pesquisa se desenvolve em torno de um objeto teórico. Por conta disso, o corpus da pesquisa é constituído de fontes primárias e secundárias. Assim a pesquisa bibliográfica de fontes primárias são aquelas de primeira mão provenientes dos próprios órgãos que realizam as observações, por exemplo: a "Afrocentricidade" de Asante (1980) "A Origem Africana da Civilização" de Diop (1955). No que se refere às fontes secundárias:

[...] trata-se de levantamento de toda bibliografia já publicada, em formas de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi sobre determinado assunto, com objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações (TRUJILLO, 1974 apud MARCONI, 2015, p. 44)

A metodologia bibliográfica que especificamente interessa a este trabalho permite compreender que, se de um lado "a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro lado, pode ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica". (Marconi, 2015, p. 44)

É importante realçar que a proposta de pesquisa envolve dois momentos. No primeiro momento, sendo está presente envolve a elaboração e apresentação do projeto de pesquisa como requisito para a conclusão do curso de BHU adquirindo assim o título de Bacharelado em Humanidades, com as seguintes recomendações: tema, problemática, hipótese previa,

justificativa, referencial teórico, proposta metodológica, cronograma e referências bibliográficas.

No segundo momento constituirá na realização da pesquisa propriamente dita, a pesquisa prevê os seguintes momentos: revisão bibliográfica e delimitação do corpus, análise preliminares, aprofundamento das análises e interpretação crítica dos conceitos noções descritos como afrocentricidade, história da África, descolonização dos saberes, epistemologias do sul, identidade cultural, já descrito ao longo da pesquisa podemos acrescentar pesquisas que podem contribuir para a nossa fundamentação (trabalho), início da redação da monografia, apresentação da primeira a versão da monografia e pôr fim a redação final e defesa.

7 CRONOGRAMA

Ano\semestre	2018\2º	2019\1º	2019\2º	2020\1º	2020\2º	2021\1º
Reunião de orientação	x	x	x	x	x	x
Revisão Bibliográfica e delimitação do corpus	x	x	x	x		
Análises preliminares		x	x			
Aprofundamento das análises e interpretação crítica dos conceitos e noções descritos.			x	x		
Início da redação monográfica				x	x	
Apresentação da primeira versão da monografia					x	
Redação final e Defesa						x

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kate: **Afrocentricidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRRJ, 2009.

_____. **Afrocentricidade: a teoria da mudança social**. Philadelphia: Ed. Afrocentricity Internacional, 2014.

DIOP, Anta Cheik, **A unidade cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na Antiguidade Clássica**. 2. ed. Luanda: Edição Pedagogo, 2014.

_____. **Origem africana da civilização: mito ou realidade**, 2015.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, P. F. de Moraes. Afrocentrismo: entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural. **Afro-Ásia**, n. 29/30, 2003, p. 317-343.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

_____. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**, São Paulo: Selo Negro, 2005.

HOUNTONDJI, Paulin. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, março 2008, p. 149-160.

GARVEY, Marcus. Mosiah. **Fundamentalismo africano**. 1925. Disponível em: www.jah-rastafari.com. Acesso em: 24 mar. 2018.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra: v. 1**, Publicações Europa-América, Portugal, 2009.

_____. **Para quando a África?** Entrevista com René Holenstein; Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Pesquisa bibliográfica. In: _____. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2015. Cap. 2

MAZAMA, Ama. O paradigma Afrocêntrico: contornos e definições. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora: v. 4**. Selo Negro Edições, 2009. p. 111-128.

MBEMBE, Achille: **A crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

_____. **Sair da grande noite:** ensaio sobre a África descolonizada. Luanda: Edição Pedago e Mulemba, 2014.

_____. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos AfroAsiáticos**, Salvador, ano 23, n. 1, 2001, p. 171-209.

_____. O mundo em estado de sítio. **Revista: Mutamba**, 2014.

MHLONGO, Thobani: **Afrocentricidade:** nova análise da Agência Africana, 2013.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade:** uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NOGUEIRA, Renato Jr: Ensino de Filosofia e a Lei 10639/03: criação de conceitos a partir da afrocentricidade como plano de imanência. **Revista África e Africanidades**, ano 3, n. 11, novembro, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu:** a retórica do poder. São Paulo, Boitempo Editorial, 2007.